

I CONGRESSO CRIM/UFMG

GÊNERO, CRIMINOLOGIA E SISTEMA DE JUSTIÇA CRIMINAL

G326

Gênero, criminologia e sistema de justiça criminal [Recurso eletrônico on-line] I Congresso
CRIM/UFMG: UFMG – Belo Horizonte;

Organizadores: Luiza Martins Santos, Mariana Karla de Faria e Raíssa Emmerich Santana
- Belo Horizonte: UFMG, 2021.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-5648-365-8

Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações

Tema: Gênero, feminismos e violência.

1. Gênero. 2. Sistema de Justiça. 3. Direito Penal. 4. Criminologia. I. I Congresso
CRIM/UFMG (1:2021: Belo Horizonte, MG).

CDU: 34



I CONGRESSO CRIM/UFMG

GÊNERO, CRIMINOLOGIA E SISTEMA DE JUSTIÇA CRIMINAL

Apresentação

O CRIM/UFMG é um Programa de extensão universitária da UFMG sobre violência de gênero, proveniente do Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão em Crimes Contra a Mulher criado em 2019 por um grupo de estudantes universitárias da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que perceberam a necessidade de ampliar o espaço de debates, denúncias e enfrentamento da violência de gênero dentro da instituição.

O objetivo do Programa é trazer para o grande público questões relevantes referentes ao combate à violência de gênero de forma didática e acessível, de modo a contribuir em diferentes perspectivas, a partir da atuação estudantil em frentes com Profissionais de Saúde, Educação, Infância e Juventude bem como na abordagem de acolhimento de migrantes e refugiadas. Dessa forma, entende-se a necessidade de se desenvolver atividades – que não se limitem ao espaço acadêmico - por meio da criação grupos de estudos, eventos, campanhas de conscientização sobre o tema, além de ministrar oficinas, cursos e capacitação que abordem os diversos tipos de violências de gênero numa perspectiva de promoção da igualdade de gênero. Nesse sentido, o Programa, a partir de uma construção coletiva, busca romper com a cisão criada em uma sociedade desigual e assim, colocar como sujeitos políticos grupos historicamente marginalizados.

Nessa perspectiva, o I Congresso CRIM / UFMG - Gênero, Feminismos e Violência pretende incentivar o debate sobre os progressos e desafios em relação à temática gênero, considerando a integralidade da vivência do ser mulher em uma sociedade machista, cisgênera, heteronormativa, com claros atravessamentos de classe e raça.

O GT 4 - Gênero, Criminologia e Sistema de Justiça Criminal reuniu pesquisadores interessados em discutir trabalhos concluídos ou em andamento que abordaram temas relacionados às criminologias feministas, controle social, violências de gênero, sistema de justiça criminal e segurança pública, possibilidades de compatibilidades entre abolicionismos e opressões de gênero. A partir da compreensão do sistema de justiça criminal como toda agência de controle estatal que operacionalize o sistema penal (Polícia, Judiciário, Ministério Público, Prisão, entre outras), assim como as agências não penais que exercem também controle, como Congresso Nacional, Poder Executivo. Sendo assim, foram acolhidas também

propostas que visavam à realização de discussões dentro do plano legislativo ou análises mais amplas sobre o poder punitivo e suas aplicabilidades, políticas públicas que tenham como temática principal violências de gênero.

A NECROPOLÍTICA DE GÊNERO E SEU IMPACTO NO AUMENTO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA PANDEMIA DO COVID-19

THE GENDER NECROPOLITICS AND ITS IMPACT ON THE INCREASE OF VIOLENCE AGAINST WOMEN IN THE COVID-19 PANDEMIC

Deborah Francisco Ribeiro ¹
Vladimir Brega Filho ²

Resumo

A presente pesquisa trata da necropolítica de gênero e sua relação com o aumento da violência contra a mulher durante a pandemia do Covid-19 no Brasil, período em que, por conta do isolamento social, as mulheres precisaram ficar confinadas em suas casas com seus agressores. Para isso, primeiramente, é de suma importância entender que a morte sistematizada de mulheres é a máxima expressão da desigualdade e da violência de gênero, e está fundada no patriarcado estrutural de nossa sociedade. Para tanto, será utilizado o método dedutivo de pesquisa, através da pesquisa bibliográfica aliada à análise de dados sobre os temas.

Palavras-chave: Necropolítica de gênero, Violência contra a mulher, Patriarcado, Pandemia, Covid-19

Abstract/Resumen/Résumé

This research deals with gender necropolitics and its relationship with the increase in violence against women during the Covid-19 pandemic in Brazil, a period in which, due to social isolation, women had to be confined to their homes with their aggressors. For this, first, it is extremely important to understand that the systematic death of women is the maximum expression of inequality and gender violence, and is founded on the structural patriarchy of our society. Therefore, the deductive method of research will be used, through bibliographical research combined with data analysis on the themes.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Gender necropolitics, Violence against women, Patriarchy, Pandemic, Covid-19

¹ Graduanda em Direito pela Universidade Estadual do Norte do Paraná e bolsista pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), financiado pela Fundação Araucária.

² Doutorado em Direito pela PUC de São Paulo. Estágio de pós-doutorado na Universidade de Lisboa. Professor Associado da UENP. Promotor de Justiça no Estado de São Paulo. E-mail: vladimir@uenp.edu.br

INTRODUÇÃO

A pandemia do Covid-19 no Brasil trouxe impactos a toda a população, e seus reflexos foram sentidos em diversos contextos. Não bastasse o surgimento dessa nova doença que se alastrou pelo globo terrestre, dizimando a população e amedrontando os indivíduos do mundo todo, o vírus ainda trouxe consigo a capacidade de ampliar diversos problemas sociais que já eram muito sentidos dentre os grupos mais vulneráveis, principalmente no que diz respeito à violência contra a mulher.

Nesse viés, o Brasil perdeu totalmente o controle do Covid-19, e o resultado foi além dos hospitais congestionados e do sistema de saúde sobrecarregado, mas passou a atingir esferas econômicas e sociais. Assim, o combate ao coronavírus não é a única guerra a ser vencida pelos brasileiros, e os altos números de mortes da população brasileira não são apenas em decorrência de complicações da Covid-19, mas, no caso das mulheres, são também em decorrência da violência de gênero, como reflexo do isolamento social que prendeu mulheres em casa com seus agressores.

É claro que a violência de gênero já existia muito antes da chegada do Covid-19 em solo brasileiro, sendo uma realidade da vida feminina há séculos, contudo, com a necessidade de isolamento domiciliar as mulheres passaram a ficar confinadas em casa com o seu agressor, o que elevou os casos de agressão contra a mulher.

Desse modo, a pandemia também serviu para ressaltar que o patriarcado e a desigualdade de gênero estão mais presentes do que nunca em nossa sociedade, e embora o ordenamento jurídico brasileiro já garanta a igualdade entre homens e mulheres, na realidade ainda não houve a concretização dessa norma.

É nesse contexto que se insere a necropolítica de gênero, a qual pode ser entendida como um tipo de política estatal que produz a morte sistematizada das mulheres. Assim, esse conceito leva em consideração as estruturas patriarcais da sociedade, que ainda controla os corpos e os comportamentos femininos, bem como ainda pressupõe que as mulheres são como secundárias, de modo que para esse sistema de opressão essas vidas são descartáveis.

A necropolítica de gênero é percebida pelos altos níveis de violência contra as mulheres e de feminicídio, os quais aumentaram ainda mais durante a pandemia e escancaram que a igualdade de gênero ainda está longe de ser alcançada, assim como revela que a soberania estatal tem sido usada de forma a produzir a morte dos grupos vulneráveis, como no caso das mulheres.

Dessa maneira, a presente pesquisa traz como problema central o questionamento sobre de que modo a necropolítica se relaciona com o aumento da violência contra a mulher durante a pandemia do Covid-19 no Brasil.

OBJETIVOS

Essa pesquisa tem como objetivo demonstrar a existência de uma necropolítica de gênero na sociedade, a qual tem relação direta com o aumento da violência contra a mulher durante a pandemia do Covid-19.

METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa utilizou-se o método dedutivo, partindo da premissa geral do estudo da necropolítica, com enfoque na necropolítica de gênero, para a premissa específica da relação existente entre tais assuntos e o aumento da violência contra a mulher durante a pandemia do Covid-19. Para isso, foi estudada principalmente a obra de Achille Mbembe, autor desse conceito, juntamente com o estudo de artigos científicos que tratam da necropolítica e da violência de gênero. Aliado a isso, também foram feitas pesquisas acerca dos índices de violência contra a mulher durante a pandemia do corona vírus no Brasil, com o intuito de promover uma relação direta entre os temas abordados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O termo necropolítica foi criado por Achille Mbembe, para o qual trata-se de um fenômeno social em que vigora uma espécie de “política de morte” aplicada às camadas marginalizadas e vulneráveis da nossa sociedade. Para o autor (2018), o Estado age violenta e arbitrariamente, causando a morte escancarada de determinados grupos sociais, a partir do uso ilegal de sua soberania e de sua força.

A necropolítica tornou-se mais evidente com o início da pandemia do Covid-19, momento em que o Estado brasileiro adotou uma política inerte, cerceando os direitos fundamentais da população, inviabilizando suas vidas e, ao fim, causando a morte de milhares de pessoas. Ainda que de forma indireta, percebe-se a existência de uma política da morte quando o governo, em especial o presidente da República, seguiu a direção

oposta da ciência e se negou a tomar medidas científicas para contenção da pandemia, sendo responsável de forma direta por grande parte das mortes ocorridas em decorrência do coronavírus.

Nesse sentido, reportagens da CNN (2021) revelam que o Brasil tornou-se o epicentro da pandemia, bem como em março de 2021 foi o país com maior número de mortos por Covid-19 no mundo todo. Assim, nota-se que o Brasil chegou em uma situação caótica mesmo após mais de um ano da pandemia e mesmo após o desenvolvimento de vacinas para essa doença, as quais o presidente se negou veemente a disponibilizar para os cidadãos brasileiros, ainda que esses clamassem pela vacinação.

Entretanto, para além da questão central da necropolítica durante a pandemia, há também a questão da necropolítica de gênero, a qual traz um recorte sobre a ocorrência da violência contra as mulheres em tempos de isolamento social por conta do coronavírus, demonstrando que as mulheres podem ser mortas tanto pelo Covid-19, quanto por seus companheiros dentro de suas próprias casas. Nesse aspecto, para Montserrat Sagot (2013) “a necropolítica de gênero produz assim uma instrumentalização generalizada dos corpos das mulheres, constrói um regime de terror e decreta a pena de morte para algumas”.

Primeiramente, é preciso entender que essa política da morte aplicada às mulheres tem como base o patriarcado e o machismo estrutural, pelos quais as mulheres sempre foram inferiorizadas, conforme explica Simone de Beauvoir (2016, p. 17) “a mulher sempre foi, se não a escrava do homem, ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições”. Assim:

Historicamente, identifica-se uma maior apropriação pelos homens do poder político, do poder de escolha e de decisão sobre sua vida afetivo-sexual e da visibilidade social no exercício das atividades profissionais. Este é um processo que resulta em diferentes formas opressivas, submetendo as mulheres a relações de dominação, violência e violação dos seus direitos. (SANTOS; OLIVEIRA, 2010, p. 12).

Nesse contexto, os homens, tendo controle de todos os meios de poder, se tornaram tão dominantes a ponto de acreditarem ter o direito de agredir as mulheres, como se essas fossem meros objetos deles. Assim, a vida da mulher foi cada vez mais desvalorizada, a ponto de ser considerada descartável por essa sociedade que tolera a violência contra a mulher e, sobretudo, tolera o feminicídio.

As mulheres, frágeis, subordinadas e impotentes, tornaram-se alvo fácil dessa estrutura operante na sociedade, a qual decide que determinadas vidas possuem valor, enquanto que outras são descartáveis. Sobre isso, a teórica feminista Bell Hooks (2019,

p. 95) explica que “a violência patriarcal em casa é baseada na crença de que é aceitável que um indivíduo mais poderoso controle outros por meio de várias formas de força coercitiva”.

Percebe-se, portanto, que o caso da violência de gênero é bastante complexo e que nele há um ciclo difícil de se romper entre o poder e a violência, pois, o homem por ser poderoso agride a mulher, ao mesmo tempo que agredi-la o confere ainda mais poder. Em decorrência disso, tem-se em nossa sociedade a necropolítica de gênero, a qual:

constrói, assim, uma definição de quem importa, quem não importa, quem é descartável e quem não é. Assim, a necropolítica, em certos cenários da região centro-americana, instrumentaliza a vida das mulheres mais vulneráveis, constrói um regime de terror, com a cumplicidade do Estado, e condena algumas à morte. (SAGOT, 2013, on-line)

A política da morte contra as mulheres se concretiza com a prática do feminicídio. Assim, Nielsson, com base em Sagot, explica que “o feminicídio é ‘a forma mais extrema de terrorismo sexista’, ou seja, a expressão mais dramática da desigualdade entre o feminino e o masculino, e ‘mostra uma manifestação extrema do domínio, terror, vulnerabilidade social, de extermínio e inclusive impunidade’” (p. 161).

Nesse contexto, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública realizou uma pesquisa na qual traz dados acerca da violência contra a mulher no início da pandemia, muitas vezes comparando os dados de março/2019 e março/2020. Contudo, o próprio órgão relata que possivelmente esses dados podem não revelar a realidade da quantidade de violência, haja vista que há uma dificuldade muito grande para que a vítima, confinada com seu agressor, consiga realizar a denúncia. Em algumas comparações nota-se a diminuição da quantidade de denúncias, visto que, com exceção do estado do Rio Grande do Norte, começou a haver diminuição dos boletins de ocorrência dos demais Estados, pois, via de regra, esse tipo de registro demanda a presença física das vítimas.

Entretanto, a pesquisa também aponta que no estado de São Paulo houve um aumento de 44% de chamadas pelo 190 de ocorrências classificadas como violência doméstica, comparando os casos de março/2019 e março/2020. Já a incidência de feminicídio aumentou em todos os estados participantes no primeiro trimestre de 2020, sendo no estado do Pará o aumento mais expressivo de 185,7% dos casos, enquanto no estado de São Paulo o aumento foi de 25,6%.

Nesse cenário, nota-se que em tempos de crise, como no caso da atual crise sanitária, os grupos mais vulneráveis se tornam mais expostos às dificuldades (SOUSA, 2021, p. 19), como percebe-se na situação das mulheres.

Diante dessa situação, restou demonstrado que o patriarcado é a base da desigualdade de gênero e, conseqüentemente, da necropolítica de gênero, o qual se materializa nos casos de violência contra a mulher e se consuma, ao final, no feminicídio, na produção sistematizada das mortes femininas.

Além disso, também é de suma importância entender os motivos e os fatores que contribuem para o aumento da vulnerabilidade da mulher durante a pandemia. Primeiramente, a necessidade de isolamento social como forma de contenção da transmissão do vírus fez com que as mulheres acabassem ficando confinadas com os seus agressores. Esse confinamento, além de corroborar para o aumento de agressões, tanto físicas quanto psicológicas, acabou por dificultar as denúncias, haja vista a impossibilidade de sair de casa, bem como a demasiada proximidade do companheiro, impossibilitando ligações para os órgãos protetores. Isso, inclusive, acaba mascarando os índices de violência, pois acaba havendo subnotificações dos casos. Sobre essa questão:

Com a imposição das medidas de distanciamento social por questões de saúde pública, casais que mal conviviam em função das obrigações rotineiras, foram obrigados a coabitar e interagir de forma intensa e prolongada, fazendo com que, o que era tido como pequenos problemas familiares, virassem agressões de leves a graves, muitas com requintes de crueldade, avançando até mesmo ao feminicídio (FERNANDES, NETO, 2020, P. 45)

Ademais, as mulheres encontram-se mais suscetível ao desemprego, pois acabam sendo destinadas ao cuidado do lar e da família como sua função primordial, ao passo que o trabalho fora do lar fica como uma segunda opção, isso pois “a divisão sexual do trabalho tem como principal característica a designação prioritária dos homens à esfera produtiva, enquanto às mulheres seria destinada a esfera reprodutiva” (REYMÃO, FARO, SANTOS, 2020, p. 31).

Essa situação também dificulta que as vítimas larguem os seus agressores, visto que, muitas vezes, as vítimas estão desempregadas e, por isso, não possuem condições financeiras de se manter, e de manter seus filhos, bem como não possuem outro lugar para se abrigarem senão na residência do seu companheiro agressor. Assim sendo:

No contexto da pandemia de COVID-19, essas estruturas patriarcais que corroboram as relações desiguais de gênero, não apenas cerceiam as possibilidades e escolhas das mulheres ³² como já rotineiramente ocorre, mas as tornam um dos segmentos sociais mais vulnerabilizados e que tendem a sofrer variados impactos com a crise do novo coronavírus. (REYMÃO, FARO, SANTOS, 2020, p. 31).

Diante disso, percebe-se que a situação de vulnerabilidade da mulher é uma herança do patriarcado e que se intensifica em momentos de crise, por fatores sociais, econômicos e históricos. Ademais, torna-se claro a incidência da necropolítica de gênero em nossa sociedade, principalmente no atual momento de pandemia, o que faz com que as mulheres sejam vítimas fatais tanto do Covid-19, quanto da violência de gênero.

CONCLUSÃO

Afinal, resta claro que o patriarcado é uma herança social que provoca severos prejuízos na vida da mulher, tendo impacto direto na incidência da violência e, sobretudo, na ocorrência da necropolítica de gênero em nossa sociedade. Ademais, foi demonstrado que a necropolítica de gênero possui relação direta com o aumento da violência contra as mulheres e de feminicídios no período da pandemia, revelando que em tempos de Covid-19 a doença não é o único perigo para as mulheres, mas a sociedade também é.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone De. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. p. 9-339.

CNN BRASIL. **Brasil lidera número de mortes diárias por Covid-19 no mundo em março**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/03/30/brasil-e-o-pais-que-mais-registra-mortes-diarias-por-covid-19-em-marco>. Acesso em: 1 abr. 2021.

CNN BRASIL. **Epicentro do vírus, Brasil tem percentual de positivos 6 vezes acima do almejado**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/03/12/epicentro-da-pandemia-brasil-reduz-testagem-e-tem-percentual-de-positivos-6-vez>. Acesso em: 31 mar. 2021.

FERNANDES, Patricia Lima Bahia Farias; NETO, Homero Lamarão. A explosão da violência de gênero no surto de covid-19 no Brasil: uma pandemia dentro da pandemia. **Gênero, sexualidade e direito I**. [Recurso eletrônico on-line] organização CONPEDI. – Florianópolis, 2020. Disponível em: site.conpedi.org.br/publicacoes/nl6180k3/vv9u5o3i. Acesso em: 25 jul. 2021.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19. ed. 2. Brasil: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/06/violencia-domestica-covid-19-ed02-v5.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2021.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 9. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019. p. 7-167.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. p. 5-71.

NIELSSON, Joice Graciele. A necropolítica de gênero, o feminicídio e a morte sistemática de mulheres na América Latina: uma análise a partir do sistema interamericano de direitos humanos. **Revista Cultura Jurídicas**, Niterói, v. 7, n. 18, p. 144-169, dez./2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/culturasjuridicas>. Acesso em: 30 jul. 2021.

REYMÃO, Ana Elizabeth Neirão; FARO, Roberta Pina Barbosa; SANTOS, Talita Danielle Costa Fialho dos. Até tú, vírus? A covid-19 e as ameaças aos direitos das mulheres. **Gênero, sexualidade e direito I**. [Recurso eletrônico on-line] organização CONPEDI. – Florianópolis, 2020. Disponível em: site.conpedi.org.br/publicacoes/nl6180k3/vv9u5o3i. Acesso em: 27 jul. 2021.

SAGOT, Montserrat. *El feminicídio como necropolítica em Centroamérica*. In: labrys, estudos feministas, julho/dezembro 2013. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys24/feminicide/monserat.htm>. Acesso em: 01 ago 2021.

SANTOS, Silvana Mara De Moraes Dos; OLIVEIRA, Leidiane. Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-19, jun./2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rk/v13n1/02.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2021.

SOUSA, Cinthya Raquel de Moura. A pandemia da covid-19 e a necropolítica à brasileira. **Revista de Direito**, Viçosa, v. 13, n. 1, p. 1-27, jan./2021. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/revistadir/issue/view/446>. Acesso em: 30 mar. 2021.